

ANNO 6

Nº 14

# MATRACA

PERIODICO CRITICO

POR MEZ ..... 500 RZ.



DR. ROCHA  
Pres Prov.

LUIZ CRESPO

Alem da demittida  
Da C. G. de instrucção  
Estou aqui enforcado  
Pela nova situação.

Tu, ella e eu.  
Quem não entender é tolo.



Quê culpa tenho tido  
Da mal que por ahí ha?  
Pra ser assim atado  
Sem poder saltar um ha!



DR JOSE DO RIBEIRO  
RABOSO

Fugir da mão a Savianna,  
Ficou em que elle pensou;  
Por saber q' a lá va lista,  
Pouco tempo a mais d'ou.



## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS:

POR MEZ . . . . . 500 RS.  
PELO CORREIO TRIMESTRE . . . 2\$000 »

Os autographos que nos forem remettidos não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

PAGAMENTO ADIANTADO.

## MATRACA

Desterro, 24 de Abril de 1886.

As nenhuma providencias tomadas pelo sr dr. Rocha em sentido de evitar a propagação da febre amarella, que cada dia se estende mais, teem excitado a odiosidade popular sobre o administrador da provincia.

Para assistir de palanque ás scenas tristes, repassadas de sentimentos de dôr, que se presenciavam diariamente, n'esta capital, sem procurar minorar os pacientes, é preciso ter-se um coração de bronze e uma alma estragada, sem ter ao menos um vislumbre de humanidade.

Entretanto, conta-se o facto de uma leôa, que encontrando em seu covil uma creança recém-nascida, em vez de devoral-a, amamentou-a por muito tempo; sabindo do covil, quando já crescida, a creança foi encontrada por uns pastores, que a conduziram á aldêa.

Fazendo-se, hoje, uma comparação entre a leôa, e o algoz dos enfermos, n'esta capital, chega-se á conclusão que a leôa foi muito mais humanitaria do que é o perverso algoz.

## NOTAS DO DIA

Devem ter sido agradaveis ao sr. dr. Rocha a leitura das cartas que o «Ilhéu» teem publicado na «Regeneração».

São duras de rôer aquellas verdades, expostas com uma franqueza admiravel, e atiradas aos olhos de milhares de pessoas, que certamente farão uma idéa «gigantesca» da boa indole e sentimentos humanitarios que ornão o honesto caracter do dr. Rocha.

Mas, assim como o ferreiro está habituado a trabalhar com fogo, o «sympathico» presidente da provincia está também affeito a ouvir tudo que lhe disserem. Não dá cavaco por isso.

Depois da formação do novo directorio conservador, organizado por luzida concorrência (?) e do voto de censura dos franciscanos, ao franciscano Manoel de Oliveira, estapando no «Conservador» de 20 os kelés da actualidade veem os horizontes despegados e julgão o campo livre para as corridas do proximo mez de Junho.

Parece que o directorio conservador de S. Francisco é, como os Srs. de engenhos, dono absoluto das vontades alheias.

Enfim, como ha por ahi, muitas boccas sem freios, e também muitos freios sem bocca. . . .

— Que lhes sirva !

Sobre a febre amarella o sr. Rocha não tem dado um passo, dispensando á pobreza um de lo de misericordia.

—Morram, para ahi esses cães !

Talvez sejam estas as palavras que digi aos seus botões, no momento de saborear algum pedaço de bacalhão.

Entretanto, elle sabe que nos palacios, como nas ruas, também ha cães.

Emfim, tratando-se de cães, elle tem a primazia.

BUCK.

## Factos e Boatos.

Acha-se entre nós o jornalista sr. Guilherme de Mendonça Brito, que pretende elevar a imprensa da provincia á altura...de um principio.

Na realidade faltava á imprensa uma alavanca, e hoje que a possui deve dizer:—bem vindo s'jas, «cá Brito» !

Seguiu para o norte a companhia gymnastica dirigida pelo sr. Hilario de Almeida.

Devido á pessima estação que atravessamos, o Sr. Almeida só deu duas funcções, sendo muito diminuta a concorrência.

Os trabalhos foram exhibidos perfeitamente.

Falleceram no dia 18 do actual, os Srs. José Marques da Silva Junior e Gustavo Tilgner, victimas da febre amareila.

Apresentamos ás exmas familias dos finados, os nossos pezamos.

De passagem para a Côrte estiveram entre nós o general oriental Miguel José Arredondo, o seu estado maior e outros officiaes superiores, chefes da revolução em Montevideo.

Vão como prizioneiros(?) e acompanha-os uma escolta do nosso exercito sob o commando de um major.

## Litteratura

### PALLIDA LOURA

Oh ! esta . . . era de um louro esplendoroso,  
De olhos meigos, azues, crepusculares,  
Crespo de raios, como o azul dos mares,  
Quando o sol bate n'elle inda em repouso.

De uma brancura de jasmim sedoso,  
Como envolta de aromas singulares;  
Ninguem advinhava os seus pezares,  
Ninguem... nunca lhe soube a fundo o gozo.



Nunca a dor lhe entorvou o rosto lindo  
Nunca disse a ninguém, que precisava...  
Viam-na sempre pallida e sorrindo.

A's vezes—quando estava só—rezava;  
E acaso alguém, que um dia a achou dormindo,  
Vio-lhe um roçario, que entre as mãos rolava.

*L. Delfino.*

### AVENTURAS DE UM ADOLESCENTE

Um anno antes, o Theophilo era caixeiro de certo armazem de fazendas por atacado, e morava em casa do patrão, um commendador auctoritario e rico.

A casa tinha dous nndares: no primeiro moravam os empregados; no segundo o commendador.

De uma janella do primeiro andar e de todas as do segundo viam-se as janellas de Helena.

Helena era a nova namorada de Theophilo.

Elle passou um dia por baixo do alto peitoril em que ella se achava, em casa do pae.

A moça, para chamar-lhe a attenção, cuspiu. O processo não era limpo, nem romantico; mas hão de convir que original.

O Theophilo olhou para cima; Helena sorriu.

Namoraram-se.

A moça, depois do famoso cuspe, tornou-se bastante janelleira.

Debruçava-se invariavelmente ao peitoril ás cinco horas da tarde, quando, fechado o armazem, o Theophilo ia postar-se á janella do primeiro andar.

A principio, não passou o namoro de simples olhares amortecidos e apaixonados. Mas, com o correr dos dias, Helena começou a dar nós no lenço e o Theophilo a tirar-lhe beijos de longe.

Mas um dia o caixeiro, antes de abrir a sua janella espreitou por uma fresta.

Oh, pasmo!

Helena lá estava a atirar beijos. Mas a quem? Ella não o via. não o podia ver! A janella estava fechada!

Uma idéa luminosa atravessou-lhe o cerebro: debruçou-se á janella contigua onde o não podia ver Helena, e olhou para cima.

O commendador, posto á janella do segundo andar, namorava a sua namorada!

Depois, o Theophilo soube de tudo.

O commendador, sorprendendo os innocentes «abraços» da moça, teve a philaucia de suppor que eram dados em sua intenção.

Correspondeu immediatamente.

Helena fez consigo esta reflexão pratica:

— Que feliz acaso! Como se apanha um marido commendador! O Theophilo é caixeiro, criança e pobre. O commendador é negociante, homem e rico..

E o seu coração passou, com armas e bagagens, do primeiro para o segundo andar.

D'ahi a trez mezes Helena casou com o patrão do Theophilo.

Os noivos moravam no segundo andar. Os dous ex-namorados encontravam-se diariamente á meza do jantar.

Durante os primeiros oito dias que se seguiram ás nupcias, Helena não se atrevou a encarar o Theophilo; mas pouco a pouco foi se familiarizando.

Certa manhan em que o rapaz acordára muito cedo e fôra para a janella, vio cahir-lhe na manga do casaco um pequeno circulo de cempo muito alvo, que parecia um botão.

Olhou para o segundo andar, e deu com os olhos em Helena, que, toda risonha, lhe sacudia a mão nervosa, dando-lhe uns bons dias sonoros e argentinos.

O Theophilo teve idéas sardanapalescas, isso teve; mas o commendador—desconfiado já do antigo namoro do caixeiro, graças á tagarellice de uma criada, tendo sorprendido olhares apaixonados e piégas «de parte a parte»,—procurou um pretexto e pôl-o no meio da rua.

Tres annos depois, Helena era baroneza, e viuva.

O Theophilo que nunca mais tornára a vel-a, encontrou-a n'um baile, e quiz namoral-a de novo.

Ella não consentio, dizendo-lhe:

—Meu amigo, o namoro é a parodia do amor. Não ha nada mais ridiculo nem mais samsaborão.

E deu-lhe uma entrevista.

### Para variar.

No jury:

Um individuo acaba de ser condemnado a vinte annos de prisão com trabalho, e multa etc. e tal.

Levanta-se do seu banco e, muito polidamente para os seus jurados:

—Deus lh'os pague, meus bons Srs.

×

N'um salão:

Falla-se d'uma joven dama que perdeu recentemente o seu esposo.

—Já notou como anda alegre depois da sua viuvez?

—Comprehende-se, diz a dona da casa...Ella está ainda no seu lucto...de mel.

×

Dois amigos encontram-se:

Um d'elles acaba de ser empregado pelo governo.

—Como! pergunta-lhe o outro, já não és mais liberal?..

—Os meus correligionarios desgostaram-me por tal modo o officio!

LITHOGRAPHIA E TYP DE ALEX. MARGARIDA

Caricaturista JOAQUIM MARGARIDA

RUA DE JOÃO PINTO 28





MANOEL JOSÉ  
DE OLIVEIRA



SE ISTO DIVINHA  
CÂNÃO VINHA

Alirada do ostracismo  
Sustenta inda o que disse,  
E sem medo algum augmenta  
Até do um a bendição.



Chegou o dia da expiação,  
a Lei tem sido desrespeitada  
é por tanto de justiça que se-  
jam castigados libertos e con-  
servadores.



Chis chis co aravina  
senho uma lingua de prata  
D'que fuma  
e não fecha a mamãe